

FORMAÇÃO DO PSICOTERAPEUTA CENTRADO NA PESSOA: ÉTICA E FIGURAS DE ALTERIDADE

Training of the Person-Centered Psychotherapist: Ethics and Figures of Alterity

Formación del Psicoterapeuta Centrado en la Persona: Ética y Figuras de Alteridad

Formation du Psychothérapeute Centré sur la Personne : Éthique et Figures de l'Altérité

10.5020/23590777.rs.v22i2.e10260

Ana Clara Vieira Abreu

Graduanda em Psicologia na Universidade Federal do Pará (UFPA).

Emanuel Meireles Vieira

Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Pesquisador do Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violência, Exclusão Social e Subjetivação (VIESES/UFC).

Paulo Coelho Castelo-Branco

Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Coordenador do Núcleo de Estudos em Psicologia Humanista da Universidade Federal do Ceará (NEPH/UFC).

Resumo

Este estudo objetiva refletir sobre como a dimensão ética permeia a formação do psicoterapeuta centrado na pessoa, a partir de uma leitura inspirada por Emmanuel Lévinas. Inicialmente, apontam-se os elementos formativos presentes na psicologia de Carl Rogers e argumenta-se que tal formação decorre de uma ética de valores e atitudes relacionais que estão além das dimensões técnicas da clínica. Em seguida, pondera-se que os elementos éticos, presentes nessa formação, servem para perceber a pessoa como o Outro que não pode ser totalizado pelo psicoterapeuta, transcendendo-o. Depois, indicam-se três figuras de alteridade que comparecem nessa formação: o Outro do Desconhecimento; o Outro da Diferenciação; e o Outro da Sensibilidade. Conclui-se, então, que a ética da alteridade radical pode ser implicada na proposta da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) desde que pense a formação do psicoterapeuta desta abordagem centrada no Outro. Essa perspectiva possibilita, portanto, uma aprendizagem não técnica dos valores centrados na pessoa e das atitudes de congruência, consideração positiva incondicional e compreensão empática.

Palavras-chave: Carl Rogers; Emmanuel Lévinas; ética; formação do psicólogo; psicoterapia centrada no cliente.

Abstract

This study reflects on how the ethical dimension permeates the formation of the person-centered psychotherapist, based on a reading inspired by Emmanuel Lévinas. Initially, the formative elements present in Carl Rogers' psychology are pointed out, and it is argued that such formation results from ethics of relational values and attitudes beyond the clinic's technical dimensions. Then, it is considered that the ethical elements present in this training help to perceive the person as the Other that cannot be totalized by the psychotherapist, transcending him. Then, three figures of alterity that appear in this formation are indicated: The Other of Unknowing; the Other of Differentiation; and the Other of Sensibility. It is concluded, then, that the ethics of radical alterity can be involved in the proposal of the Person-Centered Approach (PCA) as long as the psychotherapist's training in this Other-centered approach is considered. This

perspective, therefore, enables non-technical learning of person-centered values and attitudes of congruence, unconditional positive regard, and empathic understanding.

Keywords: *Carl Rogers; Emmanuel Lévinas; ethic; psychologist training; client-centered psychotherapy.*

Resumen

Este estudio objetiva reflexionar sobre cómo la dimensión ética traspasa la formación del psicoterapeuta centrado en la persona, a partir de una lectura inspirada por Emmanuel Lévinas. Inicialmente, se indican los elementos formativos presentes en la psicología de Carl Rogers y se argumenta que tal formación transcurre de una ética de valores y actitudes relacionales que están más allá de las dimensiones técnicas de la clínica. En seguida, se evalúa que los elementos éticos, presentes en esta formación, sirven para percibir la persona como el Otro que no puede ser totalizado por el psicoterapeuta, trascendiéndolo. Después, se indican tres figuras de alteridad que comparecen en esta formación; el Otro del Desconocimiento; el Otro de la Diferenciación; y el Otro de la Sensibilidad. Se concluye, entonces, que la ética de la alteridad radical puede ser implicada en la propuesta del Enfoque Centrado en la Persona (ECP) desde que piense la formación del psicoterapeuta de este enfoque centrado en el Otro. Esta perspectiva posibilita, por lo tanto, un aprendizaje no técnico de los valores centrados en la persona y en las actitudes de congruencia, consideración positiva incondicional y comprensión empática.

Palabras clave: *Carl Rogers; Emmanuel Lévinas; ética; formación del psicólogo; psicoterapia centrada en el cliente.*

Résumé

Cette étude vise à réfléchir sur la façon dont la dimension éthique imprègne la formation du psychothérapeute centré sur la personne, à partir d'une lecture inspirée par Emmanuel Lévinas. D'abord, les éléments formatifs présents dans la psychologie de Carl Rogers sont mentionnés et on soutient qu'une telle formation découle d'une éthique des valeurs et des attitudes relationnelles qui dépassent les dimensions techniques de la clinique. Ensuite, on considère que les éléments éthiques, présents dans cette formation, servent à percevoir la personne comme l'Autre qui ne peut pas être totalisé par le psychothérapeute, en le transcendant. Par la suite, trois figures d'altérité qui se présentent dans cette formation sont indiquées : l'Autre de la méconnaissance ; l'Autre de la Différenciation ; et l'Autre de la Sensibilité. On conclut donc que l'éthique de l'altérité radicale peut être impliquée dans la proposition de l'Approche Centrée sur la Personne (ACP) tant que l'on considère la formation du psychothérapeute à cette approche centrée sur l'Autre. Cette perspective permet donc un apprentissage non technique des valeurs centrées sur la personne et des attitudes de congruence, de considération positive inconditionnelle et de compréhension empathique.

Mots-clés : *Carl Rogers ; Emmanuel Lévinas ; éthique ; formation du psychologue ; psychothérapie centrée sur le client.*

O campo da formação do psicólogo, no Brasil, tem se estabelecido como um objeto de estudo em uma rede de pesquisas e discussões que focam os diversos aspectos que constituem a profissionalização das variadas perspectivas teóricas e práticas do saber psicológico (Prates et al., 2019). Desse campo, emergem tendências de pesquisas e ponderações sobre tais aspectos formativos, com o intento de elucidar os seus componentes constitutivos (Rechtman & Bock, 2019). Dentre os estudos que versam sobre esses elementos, em suas mais diversas perspectivas teóricas, áreas de atuação, abordagens psicológicas e serviços (Fam & Ferreira, 2019), destacamos uma vertente de investigações sobre os elementos relacionados às dimensões formativas éticas para atuar em psicoterapia (Amendola, 2014; Carvalho et al., 2015).

No que concerne à formação do psicólogo humanista, em uma revisão sistemática, Castelo-Branco et al. (2017) apontaram que a dimensão ética para lidar com a alteridade na clínica compareceu como um elemento formativo que transcende as questões técnicas que permeiam o âmbito psicoterapêutico. Esse dado coaduna com o argumento de AmatuZZi (2010), o qual ressalta que a prática da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) se trata de uma ética das relações humanas, baseada em valores que fundamentam a atuação do psicoterapeuta em vez de um conjunto de procedimentos técnicos. Logo, o psicoterapeuta centrado na pessoa não apenas se guia por teorias e por práticas predefinidas, mas direciona a sua ação, levando em consideração, sobretudo, a experiência do encontro com o cliente. Assim, a formação do psicoterapeuta centrado na pessoa passa pela compreensão a respeito do outro e, conseqüentemente, é atravessada pela ética. Isso possibilita um caminho para discutir de que modo o psicoterapeuta lida com a questão da diferença e do respeito à alteridade em suas diferentes formas de manifestação (Ribeiro, 2015; Ribeiro, 2019), entendidas como figuras de alteridade que provocam tal atravessamento (Moreira, 2002).

Nesse panorama, este estudo objetiva discutir como a dimensão ética perpassa a formação do psicoterapeuta centrado na pessoa, de modo a pensar os seus elementos constitutivos a partir de uma leitura inspirada pela filosofia da alteridade radical de Emmanuel Lévinas (2012) e suas possibilidades de implicações clínicas (Cherix & Coelho, 2017). Para tanto, inicialmente, aponta os elementos formativos presentes na psicologia humanista de Carl Rogers; em seguida, pondera os elementos éticos presentes nesse campo formativo; e, finalmente, indica quais as figuras de alteridade comparecem na formação ética de um psicoterapeuta centrado na pessoa.

Aspectos Formativos Presentes na Psicologia Humanista de Carl Rogers

Rogers desenvolveu um plano de intervenções não-diretivas nos âmbitos do aconselhamento psicológico, da psicoterapia individual e da psicoterapia grupal. O axioma da não-diretividade consiste em colocar o cliente como o centro do processo psicoterapêutico, descentrando o psicoterapeuta de um lugar dominante de saber-poder sobre o que acontece com a pessoa que busca ajuda para lidar com um problema que lhe gera tensão. Destarte, o modelo psicoterapêutico rogeriano não foca o diagnóstico, o emprego de técnicas, protocolos e testes psicológicos, pois se concentra na relação e no que emerge dela. Esse modelo psicoterapêutico difere dos demais, já que o psicoterapeuta rogeriano foca as atitudes que adota no estabelecimento do vínculo com o cliente, os valores alheios e o processo que emerge do cliente para compor suas intervenções. Assim, não é o psicoterapeuta quem sabe qual é o melhor caminho para lidar com o problema. Entende-se que, desde que o cliente entre em contato com as experiências que lhe ocorrem e se expresse a partir delas numa relação pautada pela segurança e pelo calor, ele conseguirá encontrar alternativas para lidar com suas questões (Rogers & Kinget, 1977).

No início da construção de sua teoria psicoterapêutica, Rogers já assinalava que a atitude do psicoterapeuta de respeito pela integridade da pessoa é fundamental para o movimento da psicoterapia, em que o *counsellor* não-diretivo sai do seu lugar de especialista e procura se aproximar do cliente, desconstruindo, dessa maneira, a figura de autoridade atrelada ao psicoterapeuta (Rogers & Wallen, 2000). Neste ponto, verifica-se o centramento da condução do processo psicoterapêutico no cliente, que será o responsável por guiá-lo. Por conseguinte, o psicoterapeuta acredita na capacidade de ajustamento e de adaptação da pessoa às circunstâncias que se apresentam. Portanto, não cabe ao psicoterapeuta dizer como a pessoa deve agir ou se comportar; ao contrário, seu propósito é ajudar a pessoa a recuperar sua autonomia, a compreender e a aceitar a si mesma, a partir do contato com a sua experiência e do que decorre dela em termos de emoções, sentimentos, percepções e comportamentos. Essa perspectiva é basilar no processo formativo do psicoterapeuta centrado na pessoa.

No decorrer de seu trabalho, Rogers (1997) destacou a dificuldade do psicoterapeuta de lidar com a dimensão subjetiva da experiência, pois ele vivencia um embate entre duas formas de se posicionar diante do cliente: como cientista ou como pessoa. Quando adota a postura de cientista, o psicoterapeuta busca se afastar da experiência e se distancia do cliente com o objetivo de buscar uma lógica de regularidade no processo psicoterapêutico, prevendo-o e controlando-o. De maneira oposta, quando se expressa como pessoa, implica-se na relação com o cliente, tendo uma atitude de abertura à experiência e de empatia pelo outro. Para superar esse conflito, Rogers (1997) acreditava que seria possível integrar esses modos de se posicionar diante do cliente, pois não haveria como separar o cientista da pessoa do psicoterapeuta, ou, nos dizeres próprio criador da ACP, do experiencialista.

Em outro momento, Rogers e Kinget (1977) pontuaram que, embora a formação profissional seja importante para a eficácia da psicoterapia, a personalidade do psicoterapeuta também influencia o desenvolvimento da relação psicoterapêutica. Assim, para os referidos autores, é essencial que o psicoterapeuta centrado no cliente tenha certos atributos, dentre eles: congruência, consideração positiva incondicional e compreensão empática. Vale destacar que a atitude de congruência implica em um contato imediato com o que se sente (vivencia), pensa (simboliza pela consciência), percebe e faz (expressa pelo comportamento). Se esses processos estão coerentes, decorrem estados de autenticidade, honestidade, espontaneidade e genuinidade em relação a si mesmo e ao outro.

A consideração positiva incondicional se pauta no pressuposto humanista de que todo ser humano é considerado capaz de orientar sua própria vida e desenvolve uma tendência ao crescimento. Para tanto, cabe ao psicoterapeuta focar nas emoções e nos conteúdos que emergem do cliente, sem julgá-los, mas captando os juízos de valores que decorrem da experiência alheia (Rogers & Kinget, 1977).

A empatia se refere à capacidade do psicoterapeuta de apreender os sentidos atribuídos aos tipos de emoções que emergem do que o cliente vivencia (simbolizações e conteúdos dessa experiência), a partir do ângulo do cliente (Rogers & Kinget, 1977). Se as apreensões do psicoterapeuta e suas devolutivas ao cliente lhe são acuradas, decorre uma compreensão (apreensão mútua) da experiência em voga.

A psicoterapia centrada na pessoa, portanto, consiste em possibilitar uma atmosfera calorosa e segura para o cliente, em que o psicoterapeuta, por meio dessas atitudes facilitadoras, promove o resgate da autonomia do cliente. Rogers (1992), destarte, acentuava algumas tendências significativas para o treinamento de psicoterapeutas. Segundo ele, é válido que o

psicoterapeuta em formação se questione acerca de seus valores, isto é, se ele, de fato, integrou tais atitudes no seu modo de ser ou, simplesmente, tentou ajustar a sua prática ao modelo de psicoterapia rogeriana. Assim, é importante que o psicoterapeuta saiba distinguir os valores que ele professa e aqueles que ele consegue colocar em prática e assimilar ao seu jeito de ser.

No entanto, Rogers e Kinget (1977) deixaram claro que não basta ao psicoterapeuta tentar meramente sustentar as atitudes facilitadoras. É necessário que ele saiba expressá-las de modo eficiente. Isso significa que suas respostas precisam estar vinculadas ao aqui e agora. Logo, não podem ser padronizadas, pois, se forem destituídas de significado, o psicoterapeuta não conseguirá estabelecer uma relação psicoterapêutica suficiente com o cliente.

Ao criar um modelo de psicoterapia centrada na pessoa, Rogers e Kinget (1977) também estavam preocupados em como ocorreria a formação de futuros psicoterapeutas. Assim, discutiram o uso de duas ferramentas (*prepractium* e *role-play*) que ajudam o psicoterapeuta iniciante a desenvolver sua capacidade de ressonância, para que possa compreender de modo mais profundo aquilo que o cliente sente, apurando suas capacidades de compreensão empática, consideração incondicional e congruência. O *prepractium* consiste na leitura e audição de entrevistas conduzidas por psicoterapeutas experientes a fim de analisar as respostas dadas pelo psicoterapeuta, enquanto o *role-play* seria um exercício de representação de papéis em que os estudantes variam entre serem psicoterapeutas ou clientes. Ambos os recursos possibilitam que o psicoterapeuta aprenda teoricamente como deve se situar diante do cliente, mas também possa experimentar e entrar em contato com seus sentimentos durante o *role-play*, enfatizando o seu aspecto vivencial. Por se tratar da sustentação de atitudes, esses foram os recursos formativos empregados para cuidar dos seus manejos.

Em um momento posterior à edificação teórica e clínica de sua abordagem de psicoterapia, Rogers (2002) se preocupou com a formação de psicoterapeutas no âmbito grupal. Nesse sentido, ele postulou os grupos de encontro, inicialmente concebidos como uma modalidade formativa e, depois, interventiva, para psicoterapeutas atuarem como facilitadores de processos grupais. Assim, diferente do que foi proposto no parágrafo anterior, em termos formativos, os grupos de encontro radicalizam a vivência das atitudes de congruência, consideração positiva incondicional e compreensão empática entre psicoterapeutas em formação mediante uma imersão que dura dias, em um espaço fora do ambiente clínico tradicional (sítios, bosques e auditórios, por exemplo). A intenção formativa é partir de uma aprendizagem vivencial e relacional dessas atitudes para proporcionar uma experiência de crescimento intra e interpessoal que, após o encontro, capacite o psicoterapeuta a estendê-las a outras relações interpessoais, inclusive as clínicas.

Rogers (1997), assim, enfatizava que sua abordagem constitui uma relação de ajuda. Por conseguinte, se o psicoterapeuta estiver apenas preocupado em se apropriar das técnicas, ele não criará um vínculo com o cliente, pois a relação passaria a ser mecanizada. A função do psicoterapeuta centrado na pessoa é acompanhar e apreender as experiências do cliente, considerando-as e ajudando-o a compreender melhor a si mesmo e a aceitar quem ele é verdadeiramente. Não se trata, portanto, de direcionar o processo do outro, mas de promover condições para que ele possa reconquistar sua autonomia e se autodirigir para o seu crescimento pessoal.

Em suma, ao longo da literatura rogeriana, notamos que, para que o psicoterapeuta iniciante desenvolva todas suas potencialidades e adquira as mencionadas habilidades relacionais (atitudes), sua formação não deve conter apenas o ensino teórico e prático, mas deve passar por uma discussão ética de valores. O psicoterapeuta deve identificar se seus valores estão em consonância com a prática da abordagem, sobretudo pelas ideias de abertura, consideração e compreensão da diferença, vivenciando-as no contato com o outro e não apenas se guiando por regras preestabelecidas.

À vista disso, Amatuzzi (2010) avalia que a ACP não se trata de uma técnica, mas de uma ética das relações humanas, isto é, para a formação do psicoterapeuta centrado na pessoa, não importa somente o ensino de teorias e de técnicas, mas também uma aprendizagem significativa de valores apropriados à prática centrada na pessoa. Todavia, observa-se uma tensão entre utilizar as atitudes facilitadoras como uma técnica e experimentá-las como um valor, daí a importância da supervisão e dos estágios para que o psicoterapeuta iniciante possa reconhecer em si mesmo uma disposição para agir desse modo. Seguindo essa perspectiva, Amatuzzi afirma que as ações só ocorrem como desdobramento de um valor. Dessa maneira, só é possível considerar incondicionalmente o outro se o psicoterapeuta tiver uma atitude de amor em relação ao cliente, reconhecendo sua singularidade e valorizando-o como pessoa. Da mesma forma, a compreensão empática se pauta no valor da sabedoria em detrimento do conhecimento, ou seja, a experiência do cliente não pode ser apreendida somente em termos racionais: é preciso que o psicoterapeuta tenha sensibilidade para compreender além do que o cliente consegue expressar verbalmente. Por último, a congruência está relacionada com o valor da harmonia, significando estar coerente em relação aos seus sentimentos, comunicando-os ao cliente, sem esconder nenhuma informação que possa ser relevante para o atendimento. Isso implica uma honestidade com a diferença, em uma relação mais aberta e genuína com o cliente.

Araújo e Freire (2014) retomam essa discussão, alegando que, embora as técnicas ofereçam segurança, são insuficientes para que abarquem toda a complexidade envolvida ao entrar em contato com a experiência do sujeito. Nessa perspectiva, o psicoterapeuta rogeriano se posiciona como pessoa na relação com o cliente, na medida em que se coloca no lugar do outro e sente como se fosse ele, isto é, assume uma postura de abertura em relação à pessoa e aos seus afetos. Em suma,

o psicoterapeuta deve empregar as atitudes facilitadoras desde que elas correspondam aos seus valores pessoais, estando comprometido com os movimentos psicoterapêuticos do cliente.

Por sua vez, Schmid (2008) aborda a dualidade vivenciada pelo ser humano. Em sua concepção, ser pessoa é transitar entre a independência e interdependência. Isso significa que há duas dimensões da existência humana: o aspecto substancial de ser uma pessoa e o aspecto relacional de se tornar uma pessoa. Para ele, “(...) é exatamente essa tensão entre autonomia e interconexão, independência e interdependência, dependência e compromisso, soberania e solidariedade, que caracterizam singularmente o ser humano” (p. 3). Portanto, considerar o ser humano como pessoa significa reconhecê-lo como um outro, alguém completamente diferente. Assim, a relação psicoterapêutica se caracteriza como um encontro no qual o psicoterapeuta se reconhece como diferente do cliente e, a partir disso, está disponível para acolher a sua diferença (Schmid, 2019). Ainda de acordo com Schmid (2008), o fato de o psicoterapeuta estar em uma posição oposta à do cliente possibilita legitimar a alteridade do outro de modo a reconhecer a sua singularidade e encará-lo como alguém independente. Para que ocorra esse encontro, então, é necessário que o psicoterapeuta esteja presente, sendo autêntico como pessoa, conhecendo a si mesmo, e esteja aberto para travar contato com uma realidade distinta da sua.

Schmid (2008), entretanto, diverge de Rogers ao conceituar o que é a presença. Enquanto, para Rogers (1983), presença significa um estado alterado de consciência, para Schmid (2002), a presença é uma expressão de todas as atitudes facilitadoras, constituindo um modo de ser. Dessa forma, estar presente é uma atitude dialética: o psicoterapeuta volta-se para si, buscando ser autêntico, mas também estar aberto ao outro, inteiro nesta relação. Nessa mesma direção, Vieira et al. (2018) destacam que um dos elementos-chave para o progresso da relação psicoterapêutica é a presença, isto é, a disponibilidade do psicoterapeuta para encontrar o outro e ser receptivo à sua diferença. Contudo, abrir-se à diferença do outro é um desafio ético, pois o psicoterapeuta não visa a controlar ou a manipular o sujeito, mas a aceitá-lo em sua alteridade. Esta qualidade possibilita que o relacionamento entre os dois flua em uma postura de abertura ao inesperado, sem a pretensão de direcionar o processo de mudança do cliente, mas deixando-o livre para ser ele mesmo.

Desse modo, o psicoterapeuta rogeriano se desloca do conhecimento para o reconhecimento, ou seja, em vez de julgar a experiência do outro, busca compreendê-la em sua singularidade, adotando uma postura que acolhe e reconhece a experiência deste outro, em vez de analisá-la ou criticá-la. Centrar-se na pessoa implica, pois, centrar-se no Outro que surge para o psicoterapeuta. Assim, “o Outro é aquele que não pode ser entendido, mas com o qual podemos ter empatia. Estando conscientes da alteridade fundamental do Outro, podemos facilitar o processo de abertura, mas de modo algum podemos direcioná-lo ou guiá-lo.” (Schmid, 2008, p. 9). Isso significa que a psicoterapia se caracteriza como um encontro em que o cliente se revela ao psicoterapeuta, o qual está disponível para ser tocado pelas demandas de um estranho, estabelecendo com ele uma relação empática, sem ignorar as diferenças entre eles (Schmid, 2019).

De maneira semelhante às apresentadas por Rogers (1983, 1997; Rogers & Kinget, 1977), portanto, as concepções dos diferentes autores contemporâneos citados convergem com o pensamento rogeriano no seguinte aspecto: a atitude ocupa um lugar de destaque em relação à técnica. Dessa forma, embora seja necessário um treinamento para formar o psicoterapeuta da ACP, é somente a partir do contato com o Outro, abrindo-se a esta experiência, que é possível desenvolver e aperfeiçoar suas habilidades (Schmid, 2015a). Assim, no decorrer do processo formativo do psicoterapeuta centrado na pessoa, ele busca assumir uma postura de abertura à alteridade do cliente, encarando-o a partir da perspectiva do infinito, ou seja, daquilo sobre o qual não pode exercer posse, nem tampouco lhe cabe apreender e, portanto, sobre o qual não tem controle (Schmid, 2015b). Eis o humanismo do Outro homem (Lévinas, 2012). Neste aspecto, observa-se o diálogo entre ACP e ética: a psicoterapia constitui um encontro de diferenças em que o cliente não deve ser tomado como objeto, mas respeitado como pessoa e encontrado como o Outro. Desse modo, aprofundamos esse diálogo em seguida.

Ética e Formação do Psicoterapeuta Centrado na Pessoa

Retomando o pensamento de AmatuZZi (2010, p. 23) de que a ACP “(...) não se justifica como uma técnica e sim, como uma ética: uma ética das relações humanas”, podemos confirmar que essa abordagem se justifica muito mais como uma prática pautada em valores a respeito do ser humano do que como um conjunto de procedimentos técnicos. Dessa maneira, podemos perceber que a formação do psicoterapeuta centrado na pessoa é atravessada por questões éticas, ou seja, não consiste na mera aprendizagem de técnicas, mas é perpassada pelo desenvolvimento de valores condizentes com a prática da ACP.

Assim, compreendemos que o processo formativo do psicoterapeuta a partir do referencial de Rogers (1983, 1997; Rogers & Kinget, 1977) pauta-se numa relação de pessoa para pessoa que reconhece que a subjetividade do cliente não pode ser apreendida por meio da razão. Schmid (2008, p. 4) considera que “encontrar outra pessoa significa, primeiro, reconhecer que o Outro está realmente posicionado contra, porque é essencialmente diferente de mim”, ou seja, o psicoterapeuta reconhece o cliente como alguém autônomo e singular, estando disposto a aceitar a diferença desta pessoa e preparado para lidar com o imprevisível (Schmid, 2019).

No entanto, percebemos que a questão da alteridade não está explícita no decorrer das obras rogerianas e, por isso, tornar-se relevante trazer à tona essa discussão para o campo da formação do psicoterapeuta. Nesse sentido, as reflexões a respeito da noção de Outro em Emmanuel Lévinas (2012) podem auxiliar na compreensão a respeito da importância da alteridade na formação do psicoterapeuta centrado na pessoa. Acolher e se centrar na pessoa como o Outro implica, sobretudo, acolher sua diferença. Provocados pela filosofia de Lévinas para pensar a prática clínica da ACP, entendemos que o psicoterapeuta deve estar ciente e aberto ao inesperado que pode surgir no encontro com o cliente. O psicoterapeuta não sabe de antemão como se desenrolará o processo psicoterapêutico, nem deve ter pretensões de controlá-lo.

Nesse sentido, tal experiência diante do desconhecimento do que está por vir pode provocar no psicoterapeuta o desejo de capturar o que é dito pelo cliente, colocando em risco sua capacidade de consideração do que o Outro poderá revelar (Carvalho & Freire, 2019). Desse modo, verifica-se certa tensão em relação aos saberes que o psicoterapeuta acredita que detém, pois, a despeito de toda a segurança que a técnica e a teoria lhe dão, ele é vulnerável a ser tocado pelas experiências do Outro. Assim, podemos afirmar que o psicoterapeuta rogeriano transita entre a estranheza e a familiaridade, na medida em que, mesmo que ele tenha conhecimento sobre as técnicas, elas são insuficientes para capturar a experiência singular do cliente e, sobretudo, porque a função e o desafio da psicoterapia são a compreensão (Vieira et al., 2018).

Nessa perspectiva, Schmid (2008) destaca que o encontro é estar, simultaneamente, com o cliente e contra ele. Isso significa que o psicoterapeuta não estabelece uma relação horizontal com o cliente, ou seja, não se expressa como igual, mas como alguém diferente e, assim, reconhecendo-se como diferente, pode também acolher a diferença do cliente. Desse modo, o psicoterapeuta deve estar aberto ao enigma que é o Outro, ou seja, não tem como prever o que o cliente revelará e, assim, não tem como controlar o que pode acontecer durante este encontro. A aceitação dessa condição, segundo Vieira et al. (2018), implica no reconhecimento do cliente como alteridade, como um Outro que está para além do que ele conhece e domina. Nesse aspecto, percebemos que a técnica ocupa um lugar secundário, já que não há como compreender somente em termos teóricos e, portanto, racionalmente, a experiência do cliente.

A ideia de alteridade, à qual Schmid (2007, 2008, 2015a, 2015b, 2019) se refere, é uma proposta do filósofo Emmanuel Lévinas (2012), que se opõe à ideia de totalização do Outro. Ele não é um *alter-ego* (outro Eu), mas alguém essencialmente diferente de mim. Assim, o Outro é um ser não totalizável, isto é, ultrapassa qualquer tentativa de conceituação e sua experiência não pode ser apreendida por meio de técnicas. A relação com o Outro, portanto, é assimétrica. Isso significa que não estabelecemos com este Outro uma relação horizontal, de igualdade, pois há uma diferença entre o Eu e o Outro. E, embora sejamos diferentes, é possível ter com este estrangeiro uma relação de proximidade, por meio do acolhimento da sua diferença. Assim, na identificação, o Eu se torna o polo central e o foco da relação, enquanto, no acolhimento, o foco é o Outro.

Dessa maneira, as reflexões propostas pela filosofia de Lévinas (2012) levam a pensar de outra maneira a relação com a diferença. Para Lévinas, o sujeito autocentrado, postulado pela Modernidade, é um Eu fechado em si mesmo, que não se deixa afetar pela diferença que o Outro revela, ou seja, é um sujeito que não trava contato com a diferença do Outro e ignora sua alteridade. Dessa forma, é importante repensar a forma como se configura o processo de formação do psicoterapeuta na ACP e como a questão da alteridade pode contribuir na prática clínica para romper com a perspectiva de totalizar a subjetividade do cliente e caminhar em direção a uma postura de abertura a ele.

Outra crítica que pode ser feita a Rogers (1997) é acerca do conceito de tendência à realização. Segundo Rogers, é uma tendência inata de todo organismo ao crescimento, à maturidade e à atualização de suas potencialidades. Entretanto, o pensamento de Lévinas (2012) se opõe à concepção de Rogers, pois, para ele, o sujeito nasce a partir do contato com o que é externo a ele, ou seja, com o Outro. Logo, o sujeito é para com o Outro. Por conseguinte, a noção de que todos os indivíduos têm dentro de si mesmos essa força interna é questionada, pois, para Lévinas (2012), o sujeito nunca está sozinho, pois precisa do olhar e do reconhecimento do Outro para se (a)firmar como humano.

Apesar dessas divergências encontradas entre Lévinas e Rogers (Vieira, 2017; Vieira & Freire, 2006, 2012; Vieira & Pinheiro, 2013, 2015), Vieira e Freire (2006) identificam certa aproximação entre ambos quando Rogers (Rogers & Stevens, 1976) trata de um amor não-possessivo pelo outro, ou seja, não toma o outro como um mero objeto e o acolhe em sua diferença a partir da noção de consideração positiva incondicional. Tal postura de Rogers diante do cliente converge com a ideia de Lévinas de singularidade irreduzível de cada humano (Vieira, 2017; Vieira & Freire, 2006). De acordo com os referidos autores, a consideração positiva incondicional proposta por Rogers pode ser encarada como uma tentativa de descentramento do psicoterapeuta, já que, a partir da escuta do cliente, ele assume uma postura de abertura em relação à diferença, legitimando o Outro em sua alteridade.

Como já descrito por Rogers (1997), o psicoterapeuta visa a facilitar a liberação da tendência à realização do cliente. Contudo, tal processo psicoterapêutico implica em desconstrução e acolhimento da diferença. Assim, quando o psicoterapeuta está autocentrado, está longe da afetação pela diferença radical do Outro; mas, quando se descentra para ir em direção ao cliente que lhe descreve suas experiências, ocorre um encontro que provoca um impacto em ambos, pois, por estarem em relação, tanto o cliente quanto o psicoterapeuta são tocados, de algum modo, pelo que é trabalhado na psicoterapia (Vieira

& Freire, 2006). A diferença, portanto, não é um problema, mas uma possibilidade para ir além do que estava dado. É importante destacar que o psicoterapeuta adota uma postura de abertura e de reconhecimento da experiência do cliente, sem intenção de apreendê-la racionalmente ou de reduzi-la àquilo que conhece e domina. Nesse viés, o psicoterapeuta tenta compreender o significado daquela experiência para o cliente, estando inteiro para acolher a diferença que o Outro revela.

Schmid (2007), fundamentado em Lévinas, pontua que o Outro vem sempre em primeiro lugar, isto é, o Eu nasce a partir da relação estabelecida com o Outro. Assim, o movimento psicoterapêutico que enseja uma mudança na personalidade sempre se origina e é ocasionado a partir do Outro, que provoca uma necessidade de resposta, no sentido de um (re) posicionamento ante o que se apresenta. Há, pois, um confronto entre liberdade e risco antes da experiência de encontro entre os diferentes. Partindo dessa concepção, destaca-se que o encontro com o Outro é sempre um desafio. Por isso, Schmid (2007, 2015b) argumenta que toda psicoterapia tem sua origem e surge a partir do chamado deste Outro. Deste modo, o psicoterapeuta se desloca para responder a demanda do cliente, implicando-se neste processo. Nessa perspectiva, o Outro se torna uma prioridade e uma responsabilidade. Ademais, a função do psicoterapeuta não é obter conhecimento sobre o cliente, mas reconhecer a pessoa que se revela ao longo do processo psicoterapêutico como o Outro.

Schmid (2007) ainda observa que o modelo de psicoterapia desenvolvido por Rogers pode dialogar com o pensamento de Lévinas, pois o filósofo defendeu a ideia de que o Outro ocupa um lugar central na constituição da subjetividade do sujeito. De maneira semelhante, Rogers (1983, 1997) também dava um lugar de destaque ao cliente, sendo ele responsável por guiar o processo psicoterapêutico. Segundo Schmid (2007, p. 43), “o compromisso com o Outro significa uma responsabilidade que se origina da dependência básica do ser humano de seus semelhantes”. Assim, pode-se afirmar que o Eu, desde o início de sua vida, é atravessado pelo Outro. Entretanto, é válido destacar que, embora Schmid visualize esse ponto de convergência entre os pensamentos de Lévinas e Rogers, não há a intenção de transferir os conceitos da filosofia levinasiana para o campo da psicoterapia rogeriana (Araújo & Freire, 2017).

Partindo dessa perspectiva de implicação levinasiana com a clínica centrada na pessoa (Araújo & Freire, 2017; Moreira, 2002; Schmid, 2007; Vieira & Freire, 2006), podemos repensar a relação psicoterapêutica rogeriana com base nas provocações de Lévinas (2012) sobre alteridade. Assim, a filosofia levinasiana serve como ponto de reflexão para repensar não apenas a forma como se configura a relação psicoterapeuta-cliente, mas também o processo de formação deste psicoterapeuta, refletindo sobre o lugar que ocupa o cliente em seu processo formativo, e se suas atitudes indicam uma postura de abertura à diferença manifestada pelo cliente.

Nesse sentido, Moreira (2002) se utiliza da noção de figuras de alteridade para reler a ética implicada no pensamento psicológico. Tal noção se refere aos diferentes momentos e definições teóricas que indicam maior abertura ou fechamento para lidar com a diferença, isto é, com a alteridade do sujeito. Com base nisso, em seguida, apontamos algumas reflexões para pensarmos sobre as aberturas e os fechamentos no pensamento rogeriano em relação à ética formativa do psicoterapeuta centrado na pessoa (no Outro).

Figuras de Alteridade na Formação do Psicoterapeuta Centrado na Pessoa

Nesta seção, buscaremos identificar quais figuras de alteridade estão presentes na formação de um psicoterapeuta centrado na pessoa, isto é, que elementos – os quais são fundamentais para o psicoterapeuta da ACP – indicam uma postura de abertura em relação ao outro, ou melhor, a diferença manifestada por este Outro. Com base no que foi discutido até aqui, podemos afirmar que, no modelo de psicoterapia rogeriana, a atitude ocupa um lugar de destaque em relação à técnica. Ademais, a formação do psicoterapeuta centrado na pessoa é atravessada pela necessária compreensão a respeito do Outro, isto é, pela abertura à alteridade.

Por conseguinte, a formação do psicoterapeuta centrado na pessoa pressupõe que ele não precisa ser especialista, um grande conhecedor de técnicas e de teorias da personalidade, bastando que tente compreender o ponto de vista do cliente e seja capaz de afirmar sua capacidade de autodeterminação. Isso denota uma postura de abertura do psicoterapeuta diante do cliente, o que poderíamos chamar do Outro do desconhecimento. Esta figura de alteridade diz respeito à atitude do psicoterapeuta de abandonar o seu lugar de especialista, reconhecendo-se como alguém ignorante diante da experiência do cliente. Portanto, o seu papel não é avaliar, tampouco julgar a narrativa do cliente, mas ter uma atitude de aceitação do Outro, permitindo que ele mesmo narre a sua história e, assim, possa ter uma nova compreensão sobre si mesmo.

Outro elemento fundamental na formação do psicoterapeuta centrado na pessoa é o respeito e a aceitação da diferença do cliente, conforme destacados por Rogers e Wallen (2000). Assim, essa atitude de aceitação do cliente pode ser considerada uma postura de abertura em relação à diferença alheia, já que o psicoterapeuta reconhece o valor da história do cliente, sem intenção de interpretá-la ou de direcioná-la às suas convicções. Isso significa que o psicoterapeuta percebe, no cliente, uma pessoa diferente de si mesmo e, dessa forma, quaisquer conselhos ou sugestões que o psicoterapeuta pudesse dar ao cliente seriam baseados nas suas próprias convicções, não nos valores do cliente. Estabelece-se, então, uma diferença que não

se trata mais de uma relação entre iguais, porque o psicoterapeuta jamais sentirá o mesmo que o cliente, apesar de tentar compreendê-lo tal como se fosse ele.

Seguindo esta perspectiva, retomamos o pensamento de Schmid (2008), o qual pontua que o psicoterapeuta está, ao mesmo tempo, *com e contra* o cliente, no sentido de que acolhe e aceita o que o ele revela, mesmo sem conhecimento do que está por vir. Todavia, se posiciona contra, na medida em que se expressa como uma pessoa distinta dele, que não apenas reflete o que o cliente apresenta. Isso indica uma abertura ao diferente, o que chamamos de o Outro da diferenciação. Esta figura de alteridade corresponde ao reconhecimento, por parte do psicoterapeuta, do lugar que ocupa e de que detém um saber distinto do cliente, porém não tem a intenção de moldá-lo nem de controlá-lo, mas de compreendê-lo.

Rogers (1992) indicava a importância de o próprio psicoterapeuta passar por uma experiência de psicoterapia para experimentar o lugar clínico do cliente. Isso não somente favorece a entrega do psicoterapeuta à relação, mas também facilita a abertura do próprio cliente ao processo psicoterapêutico. Segundo Rogers (1992, p. 494), “a terapia pessoal pode servir para sensibilizá-lo para o tipo de atitudes e sentimentos que o cliente está experimentando, tornando-o empático num nível mais profundo e significativo”. Além disso, é necessário também que o psicoterapeuta centrado na pessoa seja congruente em relação à própria experiência e se lance nessa relação com o cliente, implicando-se e estando disponível para atender às demandas dele.

A relação psicoterapêutica provoca não apenas efeitos no cliente, mas também gera impacto no psicoterapeuta, que também é parte desse processo (Rogers, 1997; Rogers & Stevens, 1976; Schmid, 2015a, 2019). Isso aponta um caminho de abertura ao encontro com a experiência do cliente, a qual nomeamos de o Outro da sensibilidade. Esta figura de alteridade se refere ao fato de que a história contada pelo cliente afeta o psicoterapeuta, o qual, muitas vezes, se percebe vulnerável ao ser tocado pela experiência narrada, deslocando-se do seu lugar de especialista e se expressando como pessoa ante o Outro. Logo, essa atitude de aproximação em direção ao Outro, pela via da sensibilidade, pode ser entendida como uma postura de abertura à alteridade do sujeito, caminhando rumo a uma maior fluidez na relação psicoterapêutica.

É importante verificar que o psicoterapeuta não assume o papel de autoridade, ou de um mero utilizador de técnicas, mas se expressa como pessoa e se reconhece como parte da relação psicoterapêutica. Nesse aspecto, resgatamos a concepção de Amatuzzi (2010) acerca da ACP, pois, para ele, esta abordagem propõe uma nova visão de ser humano, a qual se fundamenta no valor único e original de cada pessoa. Ademais, alega que essa forma de encarar o ser humano tem repercussões não somente nas relações pessoais, mas também no campo social e político. É nesse sentido que Amatuzzi trata a ACP não meramente como um conjunto de procedimentos técnicos, mas como uma ética das relações humanas. Dessa maneira, reafirmamos que, embora a teoria e as técnicas tenham sua importância, uma vez que servem para orientar como o psicoterapeuta deve proceder, ele não deve apenas se guiar por regras predefinidas; ao contrário, é necessário que ele vivencie a relação psicoterapêutica no momento em que ela ocorre, isto é, que esteja conectado com o presente.

Considerações Finais

Todas as figuras de alteridade apreendidas do pensamento rogeriano – o Outro do Desconhecimento, da Diferenciação e da Sensibilidade – indicam atitudes de abertura do psicoterapeuta não apenas ao que o cliente lhe manifesta, mas ao que ocorre consigo mesmo quando interage com este Outro, evidenciando a diferença que o habita. Observamos que a experiência do encontro com o cliente é sempre singular. Dessa forma, ainda que as técnicas ofereçam segurança ao psicoterapeuta, elas não conseguem capturar a experiência humana envolvida na relação psicoterapêutica. Assim, é essencial que a formação do psicoterapeuta decorra daquilo que ele tem como valor, mas que, em uma postura ética frente ao cliente, possa também respeitar o valor da pessoa, acolhendo e aceitando o Outro em sua diferença.

Em suma, a pessoa não deve ser tomada como objeto, mas deve ser respeitada em sua alteridade, sem a intenção de controlá-la. A postura de abertura do psicoterapeuta à experiência alheia, finalmente, permite que o cliente construa novos significados e encontre novas possibilidades na sua história, atualizando-se. Assim, as atitudes facilitadoras se operacionalizam com maior naturalidade quando o psicoterapeuta se dá conta de que essas atitudes não se tratam meramente de técnicas, mas de um conjunto de valores éticos que precisam ter um significado para ele, possibilitando agir com maior espontaneidade. Ao longo de sua formação, o psicoterapeuta da ACP aprende a caminhar entre a estranheza (devido à singularidade do encontro) e a familiaridade (já que conhece as técnicas e as teorias).

Em conclusão, a partir da filosofia levinasiana, podemos repensar o processo formativo do psicoterapeuta centrado na pessoa como um psicoterapeuta centrado no Outro, uma vez que a sua formação passa por uma discussão ética de valores e, portanto, não deve ser limitada apenas ao ensino de teorias e de técnicas. Assim, por mais que elas ofereçam segurança ao psicoterapeuta (no sentido de orientar como ele deve proceder), a experiência é o ponto central do processo formativo, abrindo espaço para o reconhecimento da alteridade do cliente, o qual está para além do que o psicoterapeuta conhece e

domina. É nesse sentido que o psicoterapeuta se desloca do conhecimento para o reconhecimento, já que ele não deve se guiar somente por regras predefinidas, porque, se o seu trabalho se resumir à aplicação de procedimentos técnicos, pode apenas obter conhecimento sobre a experiência do cliente, sem, no entanto, adotar uma postura de acolhimento e aceitá-lo em sua diferença.

Referências

- Amatuzzi, M. M. (2010). *Rogers: Ética humanista e psicoterapia*. Alínea.
- Amendola, M. M. (2014). Formação em psicologia, demandas sociais contemporâneas e ética: Uma perspectiva. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34(4), 971-983. DOI: 10.1590/1982-370001762013
- Araújo, I. C., & Freire, J. C. (2014). Os valores e sua importância para a teoria da clínica da Abordagem Centrada na Pessoa. *Revista da Abordagem Gestáltica Phenomenological Studies*, 20(1), 94-103. Link
- Araújo, I. A., & Freire, J. C. (2017). Peter Schmid e a alteridade radical: Retomando o diálogo entre Rogers e Lévinas. *Revista da Abordagem Gestáltica Phenomenological Studies*, 23 (2), 221-230. Link
- Carvalho, A. G. R., & Freire, J. C. (2019). Psique e ética em C. G. Jung: O lugar do irracional na constituição do etos. *Psicologia USP*, 30, e180133. DOI: 10.1590/0103-6564e20180133
- Carvalho, L., Alves, A., Passos, C., Lopes, F., Holanda, R., & Moreira, V. (2015). A ética do cuidado e o encontro com o outro no contexto de uma clínica-escola em Fortaleza. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 21(1), 1-12. Link
- Castelo-Branco, P. C., Matos, G. N., Sampaio, A. G. S., & Amaral, B. R. (2017). Formação do psicólogo humanista: Revisão sistemática. *Perspectivas em Psicologia*, 21(1). DOI: 10.14393/PPv21n1a2017-06
- Cherix, K., & Coelho Júnior, N. E. (2017). O cuidado de idosos como um campo intersubjetivo: Reflexões éticas. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 21(62), 579-588. DOI: 10.1590/1807-57622015.0492
- Fam, B., & Ferreira Neto, J. L. (2019). Análise das práticas de uma Clínica-Escola de Psicologia: Potências e desafios contemporâneos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39, 1-16. DOI: 10.1590/1982-3703003178561
- Lévinas, E. (2012). *O humanismo do outro homem*. Vozes (Originalmente publicado em 1972)
- Moreira, J. O. (2002). *Figuras de alteridade no pensamento freudiano* [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. PUC-SP: Repositório PUCSP. Link
- Prates, B. V., Feitosa, E. A. L., Monteiro, P. S., & Castelo-Branco, P. C. (2019). Considerações sobre a formação do psicólogo no Brasil: Revisão sistemática. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 10(2), 97-115. DOI: 10.5433/2236-6407.2019v10n2p97
- Rechtman, R., & Bock, A. M. B. (2019). Formação do Psicólogo para a realidade brasileira: Identificando recursos para atuação profissional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, e3551. DOI: 10.1590/0102.3772e3551
- Ribeiro, L. (2015). *A subjetividade e o outro: Ética da responsabilidade em Emmanuel Lévinas*. Ideias & Letras.
- Ribeiro Junior, N. (2019). *Sabedoria da carne: Uma filosofia da sensibilidade ética em Emmanuel Lévinas*. Loyola.
- Rogers, C. R. (1983). *Um jeito de ser*. EPU. (Originalmente publicado em 1980)
- Rogers, C. R. (1992). *Terapia centrada no cliente*. Martins Fontes (Originalmente publicado em 1951)
- Rogers, C. R. (1997). *Tornar-se pessoa*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1961)

- Rogers, C. R. (2002). *Grupos de encontro*. Martins Fontes (Originalmente publicado em 1970)
- Rogers, C. R., & Kinget, G. M. (1977). *Psicoterapia e relações humanas* (Vol. 2). Interlivros. (Originalmente publicado em 1962)
- Rogers, C. R., & Stevens, B. (1976). *De pessoa para pessoa: O problema de ser humano*. Pioneira. (Originalmente publicado em 1967)
- Rogers, C. R., & Wallen, M. (2000). *Manual de counselling*. Encontro Editora. (Originalmente publicado em 1946)
- Schmid, P. F. (2002). Presence: Im-media-te-co-experiencing and co-responding. Phenomenological, dialogical and ethical perspectives on contact and perception in person centered therapy and beyond. In G. Wyat & P. Sanders (Orgs.), *Rogers' therapeutic conditions: Evolution, theory and practice* (Vol. 4): *Contact and perception* (pp. 182-203). Ross-on-Wye: PCCS Books.
- Schmid, P. (2007). The anthropological and ethical foundations of person-centred therapy. In M. Cooper., M. O'Hara., P. Schmid. & G. Wyatt (Orgs.), *The handbook of person-centered psychotherapy and counseling* (pp. 30-46). Palgrave Macmillan.
- Schmid, P. (2008). ¿Conocimiento o reconocimiento? La psicoterapia como “el arte de no saber”. Perspectivas de más desarrollos de un paradigma radicalmente nuevo. [Link](#)
- Schmid, P. (2015a). Encounter-oriented learning programs for person-centered psychotherapist: Some learnings from decades of experience and their theoretical background. *Person-centered & experiential psychotherapies*, 14(1), 100-114. DOI: 10.1080/14779757.2014.1001914
- Schmid, P. (2015b). Person and society: Towards a person-centered sociotherapy. *Person-centered & experiential psychotherapies*, 14(3), 217-235. DOI: 10.1080/14779757.2015.1062795
- Schmid, P. (2019). “All real life is encounter” On the sustainable relevance to be surprised and affected. *Person-centered & experiential psychotherapies*, 18(3), 202-213. DOI: 10.1080/14779757.2019.1650812
- Vieira, E. M. (2017). *Ética e psicologia: Uma investigação sobre os ethoi da terapia centrada na pessoa* [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais]. UFMG: Repositório Institucional UFMG. [Link](#)
- Vieira, E., Bezerra, E., Pinheiro, F. P. H. A., & Castelo-Branco, P. C. (2018). Versão de sentido na supervisão clínica centrada na pessoa: Alteridade, presença e relação terapêutica. *Revista Psicologia e Saúde*, 10(1), 63-76. DOI: 10.20435/pssa.v9i1.375
- Vieira, E. M., & Freire, J. C. (2006). Alteridade e psicologia humanista: Uma leitura ética da abordagem centrada na pessoa. *Estudos de psicologia (Campinas)*, 23(4), 425-432. DOI: 10.1590/S0103-166X2006000400010
- Vieira, E. M., & Freire, J. C. (2012). Psicopatologia e terapia centrada no cliente: Por uma clínica das paixões. *Memorandum*, 23, 57-69.
- Vieira, E. M., & Pinheiro, F. P. H. A. (2013). Person centered psychotherapy: An encounter with oneself or a confrontation with the other? *Estudos de Psicologia*, 30(2), 231- 238. DOI: 10.1590/S0103-166X2013000200009
- Vieira, E. M., & Pinheiro, F. P. H. A. (2015). Ethics and the person-centered approach: A dialogue with radical alterity. *Theory and Psychology*, 25(6), 798-813. DOI: 10.1177/0959354315591051

Como citar:

Abreu, A. C. V., Vieira, E. M., & Branco, P. C. C. (2022). Formação do Psicoterapeuta Centrado na Pessoa: Ética e Figuras de Alteridade. *Revista Subjetividades*, 22(2), e10260. <http://doi.org/10.5020/23590777.rs.v22i2.e10260>

Endereço para correspondência

Ana Clara Vieira Abreu
E-mail: ana.abreu@ifch.ufpa.br

Emanuel Meireles Vieira
E-mail: emanuel.meireles@gmail.com

Paulo Coelho Castelo Branco
E-mail: paulocbranco@ufc.br

Recebido em: 24/04/2021
Revisado em: 16/11/2021
Aceito em: 30/11/2021
Publicado online: 15/06/2022